

## CARA A CARA Entrevista

# “Publicar por publicar, sem que o que produzimos influencie a sociedade, não é aceitável”

P - De que trata o livro “Contos da Flor e do Fruto”, que vai editar e apresentar na BMEL esta quinta-feira? Qual é o fio condutor dos 33 contos escolhidos?

R - São contos do quotidiano, de pessoas do nosso meio, nos seus conflitos, nos seus meandros pessoais, nos seus enigmas de vida. São retratos de pessoas em luta contra si próprias à procura de uma saída ou à espera de um encontro que as salve ou lhes vires a agulha. São também histórias da Guarda ou das aldeias que conheço, sobretudo daquela em que nasci, com uns pozinhos das minhas memórias de infância. Porque se escreve com mais propriedade do que se conhece.

P - O que o motivou a aventurar-se na ficção?

R - O gosto pela escrita, em primeiro lugar, o gosto pela experimentação e o desafio da emulação com os que são bons a escrever. Na verdade, na minha vida profissional e pessoal, escrevi em géneros diversos, mas nunca tinha publicado livros de ficção. E são os géneros narrativos os mais desafiantes em termos de influenciarmos os outros. Atingir o outro falando-lhe sobre si próprio através de histórias alheias sempre foi um desafio humano. Contar histórias é a arte maior.

P - Este é também o seu primeiro livro. Porquê só agora?

R - A pergunta supõe que um escritor de 65 anos já devia ter muita obra produzida. Eu escrevi em 2003 um livrinho na coleção “Fio da Memória”, da Câmara da Guarda, sobre “Os enchidos da Castanheira” no âmbito do primeiro Festival dos Enchidos da Castanheira. Depois coordenei a obra “Esc. Sec. Afonso de Albuquerque - 50 anos na Mata Municipal” em 2020. Desde o fim dos anos 80 colaborei com crónicas nos jornais e rádios locais e fui escrevendo continuamente para o jornal/ blogue da minha Escola desde 1992. Praticamente nunca parei de escrever, mas em pequenos textos. Abalançar-me a

200 páginas é agora outro horizonte. À beira da reforma, deu-me para isto.

P - É um desafio que vai repetir? Tem mais livros na calha?

R - Para já quero desembaraçar-me deste livro, porque é o que cada escritor quer: livrar-se de um para poder nascer outro. Não ando a escrever nada mas tenho umas ideias que qualquer dia apuram e se poderão transformar em alguma coisa de palpável. Primeiro gera-se uma forma a partir de uma sementinha, depois cresce e apura-se, depois depura-se. Mas sinceramente não pretendo fazer vida de escritor. E não tenho planos concretos nem datas para próximas produções.

P - Crónica ou ficção, onde está mais à vontade?

R - A crónica, em que me envolvi durante muitos anos, permitiu-me intervir na comunidade, coisa que sempre valorizei, até porque o meu temperamento nunca foi de grande intervenção oral no

## JOAQUIM MARTINS IGREJA

Autor do livro “Contos da Flor e do Fruto”

Idade: 65 anos

Naturalidade: Castanheira (Guarda)

Profissão: Professor Ensino Secundário

**Curriculo (resumido):** Professor desde 1979; Coordenador Cultural do INATEL-Guarda entre 1997 e 2012; Coordenador do projeto de jornalismo escolar “Expressão” desde 1992

**Livro preferido:** (vou indicar 5, um é pouco): “Baudolino” (Umberto Eco), “A máquina de fazer espanhóis” (Valter Hugo Mãe), “Bandeira Preta” (Branquinho da Fonseca), “Os Maias” (Eça de Queirós), “O Tempo das Ilusões Perdidas” (Alain Fournier)

**Filme preferido:** “Django libertado”, de Quentin Tarantino

**Hobbies:** Viajar, correr, ler

espaço da discussão e do debate público. A escrita foi por isso um bom veículo para mim. E libertou-me.

Quanto à ficção, não se escreve de igual maneira aos 30-40 ou aos 60 anos. Aquilo que se tem a mais na segurança da linguagem perdeu-se (irremediavelmente?) no plano da imaginação. É aí que o esforço é maior. É aí que temos de perguntar a nós próprios se essa qualquer coisa que queremos publicar é realmente significativa. Cada um de nós escreve para certo tipo de público, escolhendo o que espera dele. Publicar por publicar, sem que o que produzimos influencie a sociedade, não é aceitável, impondo-se fazer pensar, comovendo ou agitando.

## GUARDA

# Pousada da Juventude reabre sexta-feira



A Pousada de Juventude da Guarda vai reabrir esta sexta-feira após trabalhos de reabilitação, no valor total de 90 mil euros, acaba de anunciar o gabinete do Secretário de Estado da Juventude e do Desporto, João Paulo Correia.

Numa nota enviada a O INTERIOR, é referido que o equipamento reabre passados «mais de onze anos» sobre o seu encerramento. «A reabertura recupera assim um importante equipamento para a promoção e garantia da coesão territorial e da igualdade de acesso à mobilidade e ao turismo juvenil», refere a tutela. A Pousada da Juventude da Guarda tem 16 quartos, divididos em quatro duplos com casa de banho, dois quartos duplos

com casa de banho partilhada e 10 quartos múltiplos com quatro camas, para um total de 52 camas. Vai permitir criar oito novos postos de trabalho. Em janeiro, a ministra Adjunta e dos Assuntos Parlamentares, Ana Catarina Mendes, tinha revelado a intenção de reabrir as Pousadas da Juventude de Vila Real, Portalegre e Guarda.

Na cidade mais alta, os trabalhos consistiram sobretudo na recuperação da caixilharia das janelas, do telhado, do átrio, de pinturas de interiores e da fachada do edifício, bem como na aquisição de novos equipamentos e mobília, «num investimento totalmente garantido pela Movijovem». Desde o seu encerramento, a Pousada da

Juventude só reabriu pontualmente para acudir a emergências locais e nacionais, como o acolhimento de migrantes ucranianos, o alojamento de corporações de bombeiros, quando de períodos críticos de incêndios, entre outras. A Secretaria de Estado da Juventude e do Desporto acrescenta que, além desta vertente turística, a rede das 43 pousadas, Guarda incluída, «responde também a estudantes do ensino superior, no âmbito do Plano Nacional para o Alojamento no Ensino Superior, que procura colmar a problemática do alojamento estudantil. Com a reabertura destas pousadas pretende-se contribuir para o aumento dessa percentagem».

## SERRA DA ESTRELA

# “Estrada verde” é determinante para revitalizar parque natural

Os municípios de Gouveia, Guarda e Celorico da Beira celebraram na passada quarta-feira um contrato intermunicipal para a elaboração do projeto de uma “estrada verde” de ligação ao maciço central da Serra da Estrela.

Celebrado em Gouveia, o acordo destina-se à requalificação e pavimentação de um caminho florestal que existe entre Videmonte (Guarda) e faz ligação com Linhares da Beira (Celorico da Beira) e o Alto da Portela, Calçada dos Galhardos, Senhora da Assedasse, em Folgosinho (Gouveia), até à entrada no concelho de Manteigas. Os três municípios vão concertar esforços para a execução do projeto nos próximos meses, para que depois possa ser candidatado a financia-

mento europeu. A futura “estrada verde” terá uma extensão de cerca de 25 quilómetros e facilitará a acessibilidade ao maciço central ao nível turístico e para combate a incêndios. Presente na sessão, Sérgio Costa, presidente da Câmara da Guarda, recordou que a “estrada verde” é desejada há cerca de 50 anos na cidade mais alta.

«Não é nenhum luxo, antes pelo contrário, é uma estrada para a população, para o povo. É também um excelente projeto que melhorará a segurança do Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE) em relação aos incêndios e ao nível da mobilidade e do turismo», acrescentou. A parceria entre os três municípios, liderada pela Câmara da Guarda, vai permitir executar o

projeto da obra que, pelas contas dos autarcas, custará «vários milhões de euros». Já a ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa, considerou o projeto «determinante» para revitalizar o território serrano. «Estamos a começar o projeto pelas fundações, porque tem de dar a prova de que é exequível no tempo. E este é o tempo. Também estou de acordo com os nossos autarcas. Se não fizermos agora este projeto, não teremos mais condições para o fazer, até porque não podemos ignorar que ele surge no âmbito de outro trabalho que também estamos a fazer, que é o Plano de Revitalização do Parque Natural da Serra da Estrela (PNSE)», afirmou a governante.



# Rádio Altitude apresenta atividades comemorativas dos 75 anos

Uma peça de teatro, discos pedidos, exposições de arte e almoço de confraternização entre as atividades programadas para este ano

O grupo de colaboradores que levou ao grande auditório do Teatro Municipal da Guarda o espetáculo "Abril no Altitude - A Revolução passou pela Rádio", uma iniciativa inteiramente organizada pela Rádio Altitude sem qualquer tipo de apoios além da cedência do grande auditório do TMG, confraternizou no restaurante "A Tasquinha", na Guarda, na passada sexta-feira.

**“No dia de aniversário da rádio, nos claustros do Centro Cultural da Guarda, com o grupo de intervenção cultural “Reflexo Imperfeito” haverá uma nova apresentação de música e declamação de poesia.**

Na ocasião, o diretor da Rádio, Luís Baptista-Martins, que juntamente com Albino Bárbara, Helder Sequeira e Luís Celínio (que não esteve presente por motivos de agenda) constituem a Comissão Organizadora das comemorações dos 75 anos da emissora local mais antiga do país, apresentaram ao presidente da Câmara da Guarda, Sérgio Costa, algumas iniciativas a realizar este ano. Após o sucesso da primeira atividade, que encheu o grande auditório do TMG no passado 29 de abril, numa noite memorável, está agendado para 29 de julho, dia de aniversário do Altitude, uma programação especial para recordar alguns dos momentos marcantes da emissora, inclusive um programa de discos pedidos “à antiga” feito por Helder Sequeira.

Para essa noite foi sugerido ao presidente da Câmara a recu-

peração da “Noite Altitude” nas Festas da Cidade, sem qualquer custo para o município ou contrapartida para a rádio. Recorde-se que, durante dezenas de anos, as Festas da Cidade da Guarda incluíam a “Noite da Rádio Altitude”, em que os concertos eram apresentados pelos animadores da estação. Também no dia de aniversário da rádio, dia 29 de julho, à noite, haverá um novo sarau cultural, desta vez nos claustros do Centro Cultural da Guarda, com o grupo de intervenção cultural “Reflexo Imperfeito” que fará uma nova apresentação de música e declamação de poesia. Esta performance poderá ser depois replicada durante o verão em outros locais da cidade, pois a proposta é levar a cultura e poesia a diferentes locais da Guarda, realizando diferentes momentos em espaços públicos, como o Jardim José de Lemos ou a Praça Velha. Em agosto, com a colaboração dos artistas

plásticos da região, pretende-se promover um atelier de pintura e realizar exposições na Avenida dos Bombeiros Voluntários Egitanenses (nas lojas frente ao La Vie) durante duas semanas.

Na passada sexta-feira, a Comissão Organizadora das comemorações dos 75 anos do Altitude formalizou ainda um pedido ao presidente da Câmara da Guarda, o de dar o nome de “Largo Rádio Altitude” à rotunda situada entre o hospital e o estabelecimento prisional – solicitação já apresentada também à Comissão Toponímica. Sérgio Costa foi ainda sensibilizado para o município autorizar e colaborar na instalação de uma escultura evocativa da emissora local mais antiga do país. Trata-se de uma obra dos prestigiados escultores guardenses Pedro Figueiredo e Rui Miragaia, que já aceitaram o repto graciosamente e estão a trabalhar



Para a posteridade fica marcado o Sarau Cultural “Abril no Altitude” através da primeira página do jornal O INTERIOR da edição 1212, afixado na parede da Tasquinha pelo presidente da Câmara da Guarda, Sérgio Costa.

**“A propósito das comemorações dos 75 anos da rádio local mais antiga do país foi sugerida a designação de “Largo Rádio Altitude” à rotunda situada entre o hospital e o estabelecimento prisional**

numa peça inspirada no Altitude e

na sua relação com a cidade e a região, que se pretende instalar precisamente no futuro Largo Rádio Altitude. O presidente da Câmara mostrou interesse na ideia, mas não se comprometeu.

Foi ainda proposto ao Conselho de Administração da ULS Guarda a possibilidade de designar com o nome dos antigos diretores do Sanatório e Hospital da Guarda, e que foram os primeiros diretores da Rádio Altitude, as ruas do atual Parque da Saúde (antiga Cerca do Sanatório).

Para dia 23 de setem-

bro a Comissão pretende organizar um almoço de confraternização dos antigos colaboradores e amigos da Rádio, em local a definir. Por último, a 28 de outubro as comemorações dos 75 anos de Altitude terão novo momento alto com a apresentação da peça de teatro “Guarda a nossa Rádio”, no grande auditório do TMG. Escrita por Helder Sequeira especialmente para a efeméride, a peça inspira-se na história e estórias da rádio, bem como nos seus colaboradores. A encenação será de Albino Bárbara. O bilhete terá um preço simbólico, sendo que a receita final será doada à Aldeia SOS da Guarda.





opinião  
Cláudia Guedes\*

## Eduardo Lourenço: celebrar, na Guarda, o legado de um pensador ímpar

**«A cidade da Guarda sempre foi um refúgio e uma fonte de inspiração para mim. Nela encontrei as raízes que moldaram o meu pensamento e a paisagem que alimentou a minha imaginação»**

No ano em que celebramos o centenário de Eduardo Lourenço, é justo e oportuno prestar uma homenagem a este notável intelectual português. Nascido a 23 de maio de 1923, em São Pedro do Rio Seco, uma pequena aldeia localizada perto da vila de Almeida, no distrito da Guarda, Eduardo Lourenço deixou um imenso contributo para a cultura e o pensamento lusófono. O seu percurso de vida foi marcado por uma busca incessante do conhecimento, do diálogo interdisciplinar e da reflexão profunda sobre a identidade e a condição humana. São inúmeras as contribuições significativas de Eduardo Lourenço e o seu impacto duradouro no panorama intelectual do século XX e não só. É importante que a cidade da Guarda envolva a comunidade local, especialistas e admiradores de Eduardo Lourenço de forma a garantir uma homenagem relevante e significativa.

Eduardo Lourenço desempenhou um papel fundamental no campo da cultura e do pensamento em Portugal. Homenagear Eduardo Lourenço é uma maneira de reconhecer e celebrar as suas contribuições para a sociedade portuguesa. Eduardo Lourenço foi um dos pensadores mais influentes e importantes de Portugal. As suas obras abordaram uma ampla gama de temas, incluindo filosofia, literatura, história e cultura. Eduardo Lourenço explorou a identidade portuguesa e a sua relação com a Europa e o mundo, oferecendo perspectivas únicas. Homenagear Eduardo Lourenço é reconhecer e valorizar a sua contribuição para a cultura portuguesa.

Eduardo Lourenço também se destacou pela sua capacidade de analisar e interpretar a história de Portugal. Examinou questões como o período do Estado Novo, o colonialismo português e a relação entre Portugal e o mundo. As suas reflexões críticas ajudaram a promover um entendimento mais profundo dos eventos históricos e do seu impacto na sociedade portuguesa. Homenagear Eduardo Lourenço é honrar o seu trabalho na compreensão e interpretação da história portuguesa.

Além das suas contribuições académicas, Eduardo Lourenço também exerceu um papel ativo como pensador público. Participou em debates e discussões sobre questões culturais, políticas e sociais do seu tempo. A sua voz e perspectiva foram ouvidas e respeitadas e foi um defensor incansável do papel da cultura na sociedade. Homenagear Eduardo Lourenço é reconhecer o seu papel como um intelectual público influente em Portugal.

Eduardo Lourenço deixou um legado duradouro que continua a inspirar e influenciar as gerações futuras. A sua abordagem crítica e o seu compromisso com a reflexão intelectual deixaram uma marca na cultura portuguesa. Ao homenagear Eduardo Lourenço, transmitimos a importância do seu trabalho para as futuras gerações.

A importância de homenagear Eduardo Lourenço reside em reconhecer a sua contribuição para a cultura, o pensamento crítico e a compreensão da história portuguesa. A sua influência e as suas obras deixaram uma marca indelével na sociedade portuguesa. Ao longo da sua carreira, Eduardo Lourenço enfatizou a importância do humanismo e da reflexão ética. A condição humana é confrontada por diferentes desafios, mas a busca pela verdade e pela justiça deve ser uma preocupação constante. A sua voz crítica e o seu compromisso com a ética intelectual são exemplos inspiradores para as gerações presentes e futuras. Eduardo Lourenço foi ainda um defensor incansável do diálogo entre culturas e da valorização da diversidade cultural. Ele acreditava que a compreensão mútua entre diferentes povos e tradições era essencial para o avanço da humanidade. A sua visão cosmopolita e sua capacidade de transcender fronteiras geográficas e disciplinares fizeram dele um interlocutor privilegiado para a promoção do entendimento entre as diferentes culturas do mundo.

Ao celebrarmos o centenário de Eduardo Lourenço, reconhecemos a sua importância singular no panorama intelectual e cultural que reside, por exemplo, na sua contribuição significativa para a compreensão da identidade e da cultura portuguesa e nas reflexões sobre o papel de Portugal na história e na Europa. "Labirinto da Saudade" é uma das obras mais conhecidas de Eduardo Lourenço. Publicado em 1978, o ensaio explora a ideia da "saudade" como um elemento essencial na experiência coletiva dos portugueses. Ao longo do livro, Eduardo Lourenço analisa a influência da história, da religião, da política e da literatura na formação da identidade portuguesa, examinando como esses elementos contribuem para a profunda nostalgia e melancolia que caracterizam a cultura do país. Uma das principais razões para homenagear Eduardo Lourenço é o seu contributo para desvendar a complexidade da identidade portuguesa. Explorou profundamente as raízes culturais, históricas e filosóficas do país, ajudando a compreender as contradições que fazem parte da formação da identidade nacional. Eduardo Lourenço ajudou a questionar as narrativas estabelecidas e a refletir sobre o papel de Portugal no contexto europeu e global.

Além disso, Eduardo Lourenço foi um pensador crítico e um defensor fervoroso da liberdade intelectual e da pluralidade de ideias. Defendeu a importância da cultura como um espaço de diálogo e um pensamento livre. A importância de homenagear Eduardo Lourenço reside no reconhecimento do seu papel como um dos grandes intelectuais portugueses, que contribuiu para o enriquecimento do pensamento e da cultura do país: «A cultura serve para nos despir de toda a arrogância. [...] A cultura é um exercício de desestruturação, não de acumulação de coisas. É uma constante relativização do nosso desejo, legítimo, de estar em contacto com aquilo que é verdadeiro, belo, bom. É esse exercício de desconfiança, masoquista, de desencantamento. Só para que não caiamos no único pecado, que é verdadeiramente o pecado contra o espírito: o orgulho»



## O esquecimento da história da cidade...

«Aos dezoito dias do mês de Maio de mil novecentos e sete, num dos edifícios recentemente construídos no reduto da antiga Quinta do Charfiz, situada à beira da estrada número cinquenta e cinco, nos subúrbios da cidade da Guarda, estando presentes Sua Majestade a Rainha Senhora Dona Amélia (...), procedeu-se à solenidade da abertura da primeira parte dos edifícios do Sanatório Sousa Martins e da inauguração deste estabelecimento da Assistência Nacional aos Tuberculosos, fundada e presidida pela mesma Augusta Senhora (...). Assim ficou escrito no auto que certificou a cerimónia Inaugural do Sanatório Sousa Martins.

O dia **18 de maio de 1907** constituiu uma das mais imponentes jornadas festivas da Guarda, marcada por um expressivo envolvimento coletivo que importa evocar, pois nesse já longínquo dia abriu-se um novo período da história cidadina com a inauguração de duas importantes estruturas de saúde.

Esta cidade, se por um lado ficou dotada com um moderno Hospital (tutelado pela Misericórdia), por outro iniciou – através do Sanatório – uma eminente atividade médica e assistencial que a colocou nos roteiros internacionais das estruturas de saúde vocacionadas para o combate à tuberculose.

O impacto económico e cultural destas duas instituições (Sanatório Sousa Martins e Hospital da Misericórdia da Guarda, a que seria atribuído o nome do então Provedor, Dr. Francisco dos Prazeres) fez-se sentir ao longo de várias décadas, como tem sido reconhecido e evidenciado em vários trabalhos já publicados. Nessa época conjugaram-se na Guarda uma série de fatores que viabilizaram a concretização do sonho de alguns, alicerçado numa sólida determinação e na multiplicidade de atos solidários, apesar dos circunstancialismos político-sociais do Portugal do início do século XX.

A inauguração (inicialmente prevista para 28 de abril e depois para 11 de maio) dos três pavilhões que integravam o Sanatório ocorreu a 18 de maio de 1907, com a presença do rei D. Carlos e da Rainha D. Amélia que materializou nesta instituição a homenagem a Sousa Martins, atribuindo-lhe o nome daquele clínico; a sua ação e dinamismo já tinha sido evidenciada por ela numa intervenção pública, no seio da Associação Nacional aos Tuberculosos, realizada em 1889.

Voltando a 18 de maio de 1907, refira-se que nesse dia, cerca das 15 horas, o Rei D. Carlos e a Rainha D. Amélia foram inaugurar o novo edifício do Hospital da Misericórdia da Guarda, na atual Rua Dr. Francisco dos Prazeres. Na capela da nova unidade hospitalar teve lugar a cerimónia da bênção do edifício pelo Arcebispo-Bispo da Guarda.

O fluxo de tuberculosos superou, largamente, as previsões, fazendo com que os edifícios do Sanatório Sousa Martins se tornassem insuficientes perante a procura; este era aconselhado a todos quantos sofriam de «tuberculose pulmonar, anemia, fraqueza orgânica, impaludismo, etc.», como noticiava a imprensa local. Assim, não é de estranhar as preocupações dos responsáveis pelo Sanatório, mormente do seu terceiro diretor, no sentido de ser construído um novo pavilhão.

O que viria a acontecer com a construção de um novo edifício a ladear a rodovia que seguia da Guarda em direção a sul, hoje designada por Avenida Rainha D. Amélia. A inauguração esteve inicialmente agendada para 28 de maio, sendo remarcada para dia 31, deste mesmo mês, pelas 12 horas. O ato contou com a presença dos ministros das Obras Públicas e do Interior, tendo transmissão em direto «pelo Emissor Regional e pela Rádio Altitude». Como noticiava a imprensa local, «no Sanatório ficam agora mais 450 camas, sendo 350 no novo Pavilhão e 100 nos outros».

Atualmente, é chocante o estado de abandono e degradação dos pavilhões D. António de Lencastre e D. Amélia, assim como de outros de edifício que desempenharam um papel importante na atividade do Sanatório. São páginas da história da Guarda do último século que estão a ser apagadas e destruídas, perante a confrangedora insensibilidade de quem pode e deve inverter esta situação.

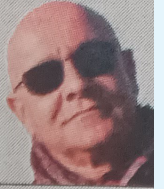
Parece que a salvaguarda do nosso património, da nossa memória coletiva, da história de uma instituição marcante, da lembrança de um eminente corpo clínico e de devotos profissionais de saúde, das múltiplas iniciativas desenvolvidas no seio do Sanatório, dos projetos Informativos e culturais aqui nascidos são coisas para esquecer, sob o risco de um interessante contraponto com a dinâmica do presente... ou com a falta de ideias e projetos.

Mesmo quando há simples sugestões, mas oportunas e válidas pelo seu significado e associação a toda uma globalidade sanatorial onde nasceu uma estação de Rádio (que assinala este ano o 75º aniversário), é incompreensível a ausência de respostas, o desinteresse...

Uma vez mais voltamos a reafirmar que o Parque da Saúde da Guarda não pode continuar a ter no seu seio uma memória agonizante de um Sanatório que constituiu um incontornável ex-libris da nossa cidade.

Anotar, nestas colunas, a passagem dos 116 anos após a inauguração do Sanatório Sousa Martins não é persistir em exercício de memória ritualista, mas apelar para a preservação do património físico de uma instituição indissociável da História da Medicina Portuguesa, da solidariedade social, da cultura, da cidade mais alta de Portugal.

## bilhete postal Diogo Cabrita



OPINIÃO

## O álcool é pior que o tabaco

O mais comum dos vícios de hoje é a pura demagogia, uma utilização constante de meias verdades para construir discursos tidos por sérios e honestos. Não pensem que a direita é rainha, porque a esquerda tem já sindicatos de aldrabice e desaforo.

Há dias saiu uma discreta bastonada contra as liberdades. Sai uma intenção antitabagismo que vem atacar um lugar de paz. Portugal está pacificado sobre o fumo de cigarros, com detalhes a melhorar nas esplanadas e na praia, mas se cumprirem as leis, ou se quem as deve fiscalizar as obrigar a obedecer, pacífico. É um projeto de lei contra a liberdade. Se queremos que não fumem, bomba legislativa – proíbe-se! Mais uma estupidez destes imprevistos! E porque é desnecessária e medíocre esta lei? Porque politicamente não carecemos conturbar aquilo que é pacífico quando há tanto para resolver e orientar.

A maior causa de violência familiar e de boçalidade diária está associada ao alcoolismo. O álcool é um problema social que inclui governantes. Não estamos pacíficos nesse tema. Sobre isso – nada de novo! Era preciso coragem e sabedoria, coisas que faltam! O etilismo conduz milhares de pessoas às urgências, como vítimas e como acidentados. Apesar das fiscalizações na estrada o drama permanece. Com frequência encontro “gente que bebeu pouco”, acusando valores superiores a 3,4 g/dl nas análises sanguíneas. Baco habita entre seus glóbulos vermelhos e brancos.

Sobre a violência contemporânea que é o ruído de música em lugares públicos também nada. As bestas e os broncos que conversam alto nos seus telemóveis em qualquer lugar, os que nos querem obrigar à sua música em todo o lado... Nada! A condução ao telemóvel, os que vagueiam aos “s” nas estradas emitindo mensagens... Nada! Ou seja, a primeira causa de morte na estrada em jovens – a condução a teclar nas aplicações – e a primeira causa de morte em acidentes de trabalho e na estrada em adultos não mereceu tempo de reflexão. Realmente a demagogia chegou ao rubro!!